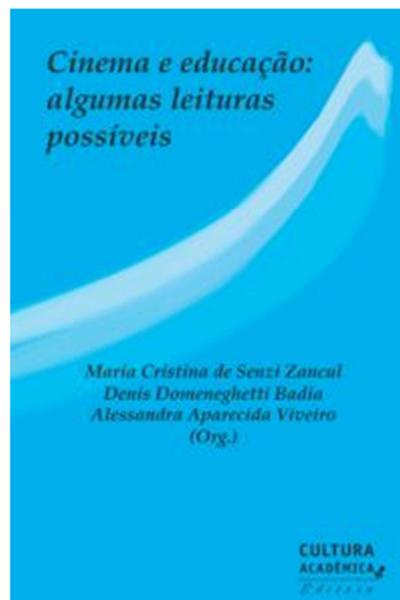


RESENHA

ZANCUL, Maria Cristina de Senzi; BADIA, Denis Domeneghetti; VIVEIRO, Alessandra Aparecida (Org.). *Cinema e Educação: algumas leituras possíveis*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. 200 p.

Cinema, imaginário e educação: recensão de Cinema e Educação

FELIPE FREITAS DE SOUZA*



As obras dedicadas ao estudo das relações entre cinema e educação estão por serem devidamente dimensionadas. Temos poucas obras referenciais e algumas dissertações e teses dedicados ao nexo entre esses assuntos – não mais que isso. Apesar das iniciativas editoriais visando contemplar a “grande área” da Educação, os estudos sobre Cinema aparentemente se desenvolvem sem que essas áreas estabeleçam grandes vínculos. Todavia, constatam-se iniciativas proveitosas, oriundas de programas de pesquisas, e que poderão elucidar elementos significativos sobre o tema.

Exemplar dessa afirmação é a obra *Cinema e Educação*, lançada pela parceria dos professores Maria Cristina de Senzi Zancul, Denis Domeneghetti Badia e Alessandra Aparecida Viveiro, do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, resultando dos estudos conduzidos na disciplina optativa Cinema e Escola. Lançada no final de 2015, a obra reúne contribuições de professores e alunos vinculados a diversas linhas de pesquisa do

Programa, oferecendo um panorama de reflexões e sensibilidades.

Enquanto observação preliminar, apontamos o fato de que muitos dos autores atuam desde o Ensino Básico ao Ensino Superior. São então reflexões de profissionais da educação, não somente de acadêmicos despreocupados com a reflexão prática sobre o cinema em contexto escolar. Com os pés fincados no chão da escola, a escrita dos autores aponta exemplos concretos e situações nas quais outros educadores reconhecer-se-ão.

Sem apresentarem uma reflexão monotemática, os autores escolheram, de acordo com seus interesses, os filmes que foram objeto de análise. Para isso, mobilizaram-se múltiplos referenciais teóricos – como haveria de ser, uma vez que as contribuições cinematográficas para a educação demandarão diferentes “chaves de leitura”.

Destacamos a presença de elementos da Escola de Grenoble pelas referências aos estudos sobre o imaginário, de Gilbert Durand. É constante também a obra *O que é cinema*, da Coleção Primeiros Passos. Enquanto problemática, apontamos a ausência de

referências à obra importantíssima de Marie-José Chombart de Lauwe, *Um Outro Mundo: A Infância*, onde temos estudos sobre a infância no cinema e na literatura. Trata-se de obra basilar para compreendermos as representações da infância no cinema: sua ausência nos textos dessa coletânea torna-se uma indicação que realizamos para os interessados.

Na Introdução *Para além das palavras*, José Pedro Antunes relata sua trajetória particular de frequência a cineclubes, demonstrando aspectos da circulação de filmes no meio universitário. Ressalta a existência de um “raciocínio para além das palavras” (p.10). A presença do não-verbal no cotidiano escolar remete a elementos da ordem das intuições e sentimentos. O quanto os educadores preparam sua razão e aguçam seus processos reflexivos, abandonando suas sensibilidades? Ou mesmo prezam somente por esses conteúdos afetivos, abandonando a sistematização do conhecimento produzido? Se raciocinar para além das palavras é preciso, permanecer somente nessa ordem de raciocínios é insuficiente para a ação educativa.

No capítulo *Ficção científica, ciência e educação*, de Alexandre Harlei Ferrari, temos uma reflexão importante sobre o despertar da curiosidade, a ciência e seu ensino, a partir da ficção científica. Refletindo sobre a série *Jornada nas Estrelas*, o autor nos remete à ficção científica enquanto mote de uma reflexão ética, sociológica e filosófica: a ficção científica possibilitará reflexões sobre a ciência, seus usos e impactos.

Em *A língua das mariposas*, Miriam Suleiman indica no filme homônimo a presença de posturas por parte do professor e sua didática, bem como a forma com que resolve as soluções em contexto educacional. Ao educador, é

relevante refletir sobre a prática docente alheia: o outro realizará práticas que enriquecem o nosso repertório.

O desenvolvimento sustentável e Sonhos de Kurosawa, de Alexandre Marucci Bastos, apresenta a genealogia e trajetória histórica do discurso da sustentabilidade, problematizando a racionalidade vigente. Demonstra o quanto é importante utilizarmos o cinema como recurso docente para lidarmos com as apreensões sobre o meio-ambiente.

Estrelas na Terra, de Ana Teresa Scanfella, parte do filme indiano *Como estrelas na Terra* para propor um exercício de identificação da potencialidade alheia. Isso é fundamental para o professor: acreditar, para além de suas teorias, no potencial daquele que educa. Tal crença, enfim, não é da ordem meramente racional – sendo a apreensão estética audiovisual uma possibilidade para problematizar a relação que estabelece-se com o outro.

Onde vivem os monstros?, de Bruna Cury de Barros, aborda a adaptação cinematográfica da obra de Maurice Sendak e propõe uma reflexão sobre o tratamento dispensado às crianças. As crianças são vistas ora como sujeitos que não possuem uma fala própria, ora como projetos de tornarem-se adultos. A autora indica que o educador deverá compreender a fantasia e imaginação infantil, não ignorá-la.

No capítulo *Valentin e Leon e o protagonismo infantil à luz de Walter Benjamin*, Claudia Ximenez Alves realiza apontamentos sobre a infância no cinema e as concepções benjaminianas para análise do fenômeno audiovisual. Remete ao protagonismo da infância. Se os “filmes são metáforas pelas quais procuramos perceber, sentir e conhecer a realidade e

o nosso mundo” (p. 129) – pressuposto constante nos demais trabalhos –, problematizar o quanto o educador influencia na autonomia do educando é fundamental.

Em *Música do Coração*, de Caroline Raniro e Moniele Rocha de Souza, as autoras defendem a difusão do ensino de música nas escolas, argumentando que seu aprendizado não se reduz à apreensão de uma técnica instrumental, mas que contempla os valores de pluralidade e diversidade dos educandos ao fornecer-lhes tal possibilidade de expressão.

Em *Acaso e diversidade*, de Maria Cristina de Senzi Zancul e Alessandra Aparecida Viveiro, as autoras refletem, a partir do filme *Um conto chinês*, sobre a relação para com o outro. Lidar com a alteridade é uma via de múltiplas mãos, envolvendo o respeito e o reconhecimento do outro em suas idiossincrasias – concepção essencial para o educador.

Uma reflexão a partir dos filmes Adeus meninos e Rapsódia em agosto, de Talita Mazzini Lopes, trata dos filmes presentes no título enquanto importantes ferramentas pedagógicas para abordar-se conteúdos escolares. Já em *Um filme para apreciar com olhos e alma de artista*, de Marta Regina Sene, temos

uma reflexão sobre o filme *O Artista*, realizando apontamentos sobre a relação interpessoal e a necessidade de lidar com as tensões entre razões e emoções.

No capítulo *Por uma captação do belo na produção cinematográfica*, de Edson Renato Nardi, teremos apontamentos do cinema enquanto linguagem, não sendo possível conceitua-lo de modo limitante. O cinema será então entendido, por definição, como linguagem fornecedora de experiências estéticas. Abordando aspectos filosóficos, é o capítulo que mais se aprofunda conceitualmente sobre a questão do cinema e educação – apontamento realizado, inclusive, no texto de José Pedro Antunes.

Por fim, a obra é relevante principalmente para os educadores que, em sua prática cotidiana, precisam possuir uma intencionalidade na utilização dos recursos audiovisuais. Mais do que um recurso didático a ser usado em sala de aula, o cinema desencadeia reflexões nos educadores sobre seus atos educativos – e para além deles.

Recebido em 2015-2-03
Publicado em 2016-03-13



* **FELIPE FREITAS DE SOUZA** é Mestre em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais; aluno no Instituto Latino Americano de Estudos Islâmicos.